



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas/MG
CEP 37130-000
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL
Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas - GPLin

Comunidade dos Gomes: notícia sociolinguística do falar de uma comunidade típica na região de Juruaia, MG

*Jair Silva Sobrinho¹
Celso Ferrarezi Junior²*

Resumo: A região do Sul de Minas Gerais carrega, em sua história, marcas muito fortes de peculiaridades linguísticas. Tais marcas estiveram e ainda estão presentes nas mais diversas relações sociais dessa região. Um fator preocupante é o esquecimento dessas marcas identitárias constituintes em muitas comunidades, como a Comunidade dos Gomes localizada no município de Juruaia, que é o objeto deste trabalho e, na qual, parece haver indícios de um falar crioulo. Como proposta básica da pesquisa, procura-se fazer o registro preliminar desse povo, um grupo populoso e ainda muito fiel às heranças linguísticas recebidas de seus antepassados, a título de notícia sociolinguística inicial, visando a estudos mais profundos posteriormente. Documentarei não apenas algumas expressões, mas também, a história do povoado, registrando fatos que são importantes na formação do grupo de falantes.

Palavras-chaves: 1. Expressões idiomáticas. 2. Marcas identitárias na linguagem. 3. Falar regional sul-mineiro. 4. Falares crioulos. 5. Comunidade dos Gomes, Juruaia, MG.

Abstract: The region of the South of Minas Gerais carries in its history very strong marks of linguistic peculiarities, such marks were and still are present in the most diverse social relations of this region. A worrying factor is the forgetfulness of these constituent identity marks of many communities, such as the Gomes Community located in the municipality of Juruaia, which is the basis of this work and in which there seems to be evidence of a Creole speaking. As a basic proposal of the research, it is sought to register this people, a populous group and still very faithful to the linguistic inheritances received from their ancestors, as initial sociolinguistic news, aiming at further studies later. I will document not only expressions, but also the history of the village, recording facts that are important in the formation of the group of speakers.

Keywords: 1. Idiomatic expressions. 2. Identity marks in the language. 3. Speak regional south-mining. 4. Talk about Creoles. 5. Community of Gomes, Juruaia, MG.

¹ Graduando em Letras. Membro do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin.

² Orientador. Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UNIFAL-MG. Líder do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – GP-Lin.

Introdução

As marcas na fala de um povo são, sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes da identidade cultural de uma comunidade. O registro dessas marcas é de extrema importância, considerando os rápidos avanços da urbanização e da industrialização, fenômenos esses que massacram as chamadas peculiaridades regionais e locais, especialmente as linguísticas, de um povo. Deve-se considerar, ainda, que o deslocamento de eixos, do rural para o urbano, coloca em desprestígio linguístico as marcas de fala de origem dos falantes.

A presente pesquisa objetiva registrar parte das expressões idiomáticas, da história e de fatos importantes relacionados à Comunidade dos Gomes, Juruiaia-MG, a título de notícia sociolinguística, de forma a permitir uma apresentação preliminar de natureza lexical e um relato de parte dos registros histórico-culturais realizados pelos falantes daquela comunidade em suas estruturas linguísticas mais típicas, bem como, fazer um registro de sua existência e história, haja vista que não há registros científicos anteriores sobre sua presença, história e peculiaridades.

O município de Juruiaia

A pequena cidade de Juruiaia está localizada ao sul do estado de Minas Gerais. Com população estimada em 10 mil habitantes, o município tem sua renda da agropecuária, esta alavancada pelo café e pelo leite. Entretanto, há mais de duas décadas, descobriu na confecção e no comércio de lingerie uma grande fonte de riqueza.

A escolha do nome para a pequena cidade não foi aleatória, segundo informações do livro **Memórias Políticas de Juruiaia**, escrito pelos pesquisadores e historiadores Edgar Prado Bardy e José Carlos Prado, a origem do nome se deu:

No mesmo ano em que foi empossado ao cargo de Vereador Especial, o Sr. José Luíz Marcondes Júnior propôs a mudança do nome do distrito de SÃO SEBASTIÃO DA BARRA MANSA para JURUAIA, nome esse derivado da língua tupi que significa Barra Mansa, ou seja, Juru/Mansa e aia/Barra. Segundo relatos de Dona Hélia de Faria e Souza, sobrinha do então Vereador Especial e filha do sr. Artur de Souza, antigo proprietário da Fazenda Itupava, seu tio era um profundo conhecedor da língua Tupi, o que o levou a propor a mudança do nome. (2006, p.30)

A formação da localidade começou a acontecer no final do século XIX, a partir da ocupação iniciada pelo fazendeiro Francisco Antônio Melo. Antes de se tornar um município,

em 27 de dezembro de 1948, foi um distrito chamado "São Sebastião da Barra Mansa" e pertencente a Muzambinho.

Fontes primárias afirmam não haver a presença de indígenas nos primórdios do povoado, sendo um local de acolhimento de moradores de outras regiões do país e, também, de estrangeiros, como vemos relatado na publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE:

No território do município, integrante da micro-região Mogiana Mineira, não há registros da presença de índios em seus primórdios. Sabe-se que os primeiros habitantes foram trazidos pelo movimento migratório provocado pelo empobrecimento das regiões auríferas onde o ouro se tornava escasso. Vieram inúmeros arrivistas, garimpeiros e posseiros, havendo alusão, apenas, ao nome do cidadão Francisco Antônio Melo, tido como fundador da povoação, batizada com o nome de São Sebastião da Barra Mansa.

O povoamento do município ocorrido face ao deslocamento de pessoas oriundas das zonas de mineração e também colonizadores portugueses, espanhóis, italianos e, principalmente, sírios, aconteceu após a primeira metade do século XIX. Francisco Antônio de Melo, por volta de 1898, fez doação de terrenos para formar o patrimônio da igreja de São Sebastião, consolidando-se a formação do povoado. Solo muito fértil, ensejava a implantação de lavouras e formação de pastagens para pastoreio do gado, vindo a agricultura e a pecuária a se tornarem fatores preponderantes da evolução da comunidade. Em 1923, o nome era mudado para Juruiaia.

Portanto, entende-se que o então distrito de São Sebastião da Barra Mansa, logo no início de sua história, sofreu processo de aculturação, fruto do movimento migratório e imigratório.

No ano de 1948, o distrito de Juruiaia, pertencente a Muzambinho, é elevado à categoria de município, tendo, a partir de então, administração e condução autônoma. Porém, o grande progresso chegaria décadas mais tarde. Atualmente, a cidade não conta com Poder Judiciário nem Promotoria local, fazendo parte, da Comarca de Muzambinho.

Em 1992, duas empresas do setor de confecção se instalaram no município em busca de incentivo fiscal. As lojas fecharam em menos de dois anos, mas serviram de exemplo para que as ex-funcionárias abrissem seus próprios negócios de fabricação de lingerie. Assim, a cidade, que antes vivia praticamente do café, com boa parte da população trabalhando como boia-fria nas lavouras, foi se desenvolvendo no setor e, a cada, ano mais fábricas foram sendo abertas.

A pequena cidade é definida como um lugar para bons negócios. Isso porque o município é considerado a capital mineira da lingerie e o terceiro maior polo fabricante desse

produto no país. De acordo com a Associação Comercial e Industrial de Juruiaia (ACIJU), são mais de 200 confecções instaladas na cidade, que geram cerca de 5.000 empregos, vendem cerca de 1,5 milhão de peças, e faturam, aproximadamente, R\$ 15 milhões mensalmente. O Produto Interno Bruto (PIB) da cidade cresce cerca de 30% ao ano. Juruiaia encontrou sua vocação, e a concentração de renda e trabalho está nas mãos dos empresários do ramo.

A Comunidade dos Gomes

A Comunidade dos Gomes é um bairro rural situado no município de Juruiaia, cujo limite se dá com a cidade de Muzambinho/MG. “Os Gomes” como são regionalmente conhecidos carregam as marcas de um povo hospitaleiro e de fortes tradições culturais, sociais e religiosas. Suas formas características de agrupamento e organização são observadas por grande parte daqueles que os conhecem.

O povoado teve sua formação a partir de famílias que ali se instalaram como: Gomes, Castro, Marques, Melo, Cardoso, Trindade, Aristão e Alves. A família Gomes se dá como a primeira a chegar no local, considerando que, segundo fontes orais, o primeiro morador do bairro teria sido Domingos José Gomes, proprietário de grande parte das terras locais, lá pelos idos da segunda metade do século XIX: daí resulta seu topônimo.

Domingos Gomes, em um de seus casamentos, pois acredita-se que tenha se casado mais de uma vez, teve uma filha chamada Joana Bárbara da Conceição, falecida no ano de 1934 com 84 anos de idade. A partir do levantamento desse dado por meio de livros cartoriais, percebemos que a possibilidade de chegada no local se confirma.

Outros dados de cartório também indicam mais nascimentos e falecimentos. Antônio Joaquim Marques, nascido em 1775 e falecido em 1841 era casado com Ana Francisca do Nascimento nascida em 1789 e falecida 1871, oriundos da região de São João Del Rei. Ambos percorreram o caminho em direção a São Sebastião da Barra Mansa. Nesse caminho, alguns filhos foram nascendo pelas cidades que ficavam na rota, como Campanha e Três Corações. É provável que Domingos Gomes e Antônio Joaquim Marques tenham tido alguma ligação, pois são considerados as raízes da comunidade. Vale ressaltar que, nesse período, era comum o deslocamento de trabalhadores de regiões mineradoras para o sul de Minas Gerais, fato que pode ter motivado a vinda de Antônio Joaquim Marques.

Outras duas personagens importantes na história são José Dias de Castro e Emirena Cândido de Jesus, esta, neta de Antônio Joaquim Marques. Um dos filhos deste casamento foi

Domingos José Gomes, nascido em 1880, e falecido em 1937, portanto com 57 anos. O filho do casal recebeu o nome do ancestral Domingos José Gomes, o que indica o parentesco entre as famílias, a ponto de homenagear o patriarca do lugar.

Os dados apresentados acima são fruto de pesquisa em cartório e entrevistas com moradores e estudiosos da história da cidade, pois são quase inexistentes arquivos documentais sobre o povoado. Considerando o fato de o município de Juruiaia ter pertencido ao município de Muzambinho até 1948, não há, na referida cidade, nenhum dado que registre informações precisas ou cartoriais da história do bairro, propriedades, primeiros moradores, troca de propriedade de terras etc.

Acredita-se que, desde a chegada dos primeiros moradores até a presente data, exista uma linhagem de oito a nove gerações, isso na ramificação das famílias Marques de Castro e Gomes. Acredita-se que o início da comunidade tenha sido por volta do ano de 1840. Porém, não há como precisar, pois os dados, em sua grande maioria, são orais, fruto de entrevistas e conversas espontâneas com os moradores mais antigos do local.

A presença forte de tradições religiosas também desperta curiosidade em nossa pesquisa, considerando a presença da comunidade católica, desde o início da formação do povoado. Porém, na década de 1950, missionários pertencentes à Igreja Evangélica Assembleia de Deus fundaram a primeira igreja evangélica no bairro. Com o passar do tempo, por conta de questões discordantes no que dizia respeito à condução da comunidade evangélica, foi fundada, no ano de 1986, a segunda Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Com o surgimento da segunda Igreja Evangélica, as questões religiosas se polarizaram, ficando a comunidade evangélica com o maior número de adeptos. Logo, alguns conflitos se estabeleceram com o passar dos anos, já que os evangélicos da comunidade seguem uma linha doutrinária que bastante se distancia dos demais religiosos da comunidade dos Gomes.

A fé católica também compõe o fator religioso no bairro, porém, em menor quantidade, não se equiparando a quantidade daqueles que professam a fé evangélica com aqueles que professam a fé católica

As posturas políticas também são fortemente demarcadas entre os moradores do bairro. A cidade sempre foi dividida entre duas polarizações partidárias: o “grupo amarelo” e o “grupo vermelho”. Nos Gomes, a polarização é ainda maior, sendo que, durante o período

eleitoral, parentes e vizinhos pertencentes a grupos diferentes chegam a romper todo e qualquer tipo de relacionamento, reatando laços após o resultado das eleições. A identidade dos moradores é formada a partir de tais posicionamentos que, para grande parte das pessoas pertencentes à comunidade, são extremamente importantes, pois formam as marcas identitárias.

Atualmente, o bairro dos Gomes não possui escola em funcionamento. Com o passar do tempo, a demanda do alunado diminuiu, o que levou o poder público a conduzir as crianças e adolescentes da comunidade para escolas da zona urbana. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação de Juruáia/MG, aproximadamente 100 alunos cursam o ensino fundamental na Escola Municipal Nair Gaspar de Rezende (Juruáia/MG) e 20 alunos cursam o ensino médio na Escola Estadual Eduardo Senedese (Juruáia/MG). O transporte diário desses alunos é feito pelo Departamento de Transportes da Prefeitura de Juruáia.

Com a expansão do comércio de lingerie, muitas famílias passaram a fazer dessa a sua principal atividade. Com isso, muitas pessoas vão à cidade diariamente trabalhar em confecções e lojas, outras várias trabalham em casa com o sistema lá denominado facção, que é uma espécie de terceirização do serviço ou de filial.

A partir desse novo formato, muitas pessoas têm, na comunidade, o seu viver diário, sem precisar se deslocar para a cidade a fim de trabalhar. Esse é, com certeza, um ponto favorável à manutenção dos aspectos linguísticos e culturais, pois, estando em família e entre amigos, não é preciso usar a linguagem e os costumes da cidade.

O falar da Comunidade dos Gomes

Marcos Bagno, em seu livro **Nada na língua é por acaso**, traz a seguinte afirmação:

Portanto, o que se convencionou chamar de “língua” nas sociedades letradas é, na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo, que a língua realmente é. Mas será que a gente pode mesmo pensar nesse modelo de língua como um produto, semelhante ao iogurte, ao vinho, à borracha, ao papel, ao azeite e a tantas outras invenções humanas? Pode, mas com uma diferença: essa “língua” é um produto de um tipo diferente, um produto sociocultural, elaborado ao longo de muito tempo, pelo esforço de muita gente – por isso ela é uma grande abstração ou, como se diz hoje em dia, um patrimônio imaterial. (2007 p. 35)

Tal citação demonstra a especificidade do falar da Comunidade dos Gomes. Por anos a fio, a forma “cantada” no falar e as expressões idiomáticas típicas dos moradores foram

motivos de curiosidade e piada entre os moradores da cidade e da região que têm conhecimento desses fatos.

O estigma social sempre esteve presente na vida dos moradores, principalmente entre os mais jovens, que desfrutam sempre de maior contato com os moradores da cidade. O fato é comprovado ao tomarmos conhecimento de que as crianças e adolescentes oriundas desse bairro costumam não se juntar com crianças e adolescentes de outras partes da cidade, justamente por temerem o preconceito e as chacotas que acabam acontecendo.

Na escola, os alunos que saem da zona rural para estudar na cidade formam seus grupos com aqueles que também são da comunidade, ou seja, as relações sociais destes se limitam, muitas vezes, àqueles sujeitos já conhecidos.

Ao pensarmos nas ocorrências linguísticas oriundas de ambientes rurais, podemos ir em, pelo menos, duas direções distintas: aquelas que sofrem alterações no falar, principalmente por conta da escolarização e aquelas que permanecem quase que originais na maneira como se fala. Bortoni-Ricardo assim coloca tais ocorrências:

Entre os indivíduos de origem rural, encontramos aqueles que, por meio do ensino sistemático da língua na escola ou pelo convívio com a cultura de letramento, já estarão adiantados no processo de conformação de sua linguagem aos padrões citadinos de prestígio, enquanto outros conservarão, ainda quase inalterados, seus hábitos linguísticos originais. (2005 p.34)

Analisar o falar da Comunidade dos Gomes implica pensar numa variedade linguística muito própria e peculiar, bastante próxima das vivências diárias e perfeitamente adequada às necessidades do viver nessa sociedade. A variedade linguística encontrada nesse lugar é fortemente marcada pelo uso de expressões idiomáticas encontradas apenas ali e pelo falar “cantado” típico de quem nasceu e cresceu no local. Ao final deste trabalho, algumas das expressões coletadas em pesquisa de campo serão anexadas.

Bagno (2007) trata de variedades linguísticas à luz de experiências e contatos linguísticos próprios de comunidades com tais modalidades de formação e organização. Assim define:

[...] toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente da manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. A ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres” é fruto de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais

e decorrem das relações de poder e discriminação... Para o estudioso da linguagem, todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm sua lógica de funcionamento, todas obedecem regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas.” (p.48).

Assim, a pesquisa sociolinguística propõe um conceito de variação linguística, conforme afirma Fernando Tarallo (1994, p.8):

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes Linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”.

Identificar se ocorre o simples uso de variantes linguísticas, como definidas acima por Tarallo, ou se o falar da Comunidade dos Gomes é um falar próprio, acreoulado, não uma forma de português brasileiro “*stricto sensu*”, é ponto-chave no estudo que nos propusemos a fazer em médio prazo junto a esse grupo de falantes. Inicialmente, podemos concluir que há, apenas a ocorrência de um léxico diferenciado, porém, não há dados, ainda, para atestar possíveis mudanças mais profundas no falar dessa comunidade. Por ora, com os dados preliminares e com o pouco tempo de que dispomos, mas considerando a ocorrência de inúmeras ocorrências linguísticas típicas, conhecidas, em sua grande maioria, apenas por falantes da comunidade, nos atemos a noticiar sua existência por meio deste artigo. Posteriormente, em uma pesquisa de mestrado, mais profunda e dilatada em tempo, teremos condição de estabelecer, com mais precisão, qual é o tipo de ocorrência linguística que existe nessa região, partindo, porém, da hipótese de que seja o fruto de contato entre duas ou mais línguas.

Há que se ressaltar, ainda, a existência do chamado “preconceito linguístico” ainda muito recorrente no Brasil. Marcos Bagno, na obra **Preconceito Linguístico** afirma:

Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, [pg. 16] alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam

como referência ideal — por isso podemos chamá-los de sem-língua. (2014 p.16)

Bagno propõe, nessa obra, desmistificar algumas crenças que ainda se ocorrem no que se refere ao português falado no Brasil. A primeira delas, a de que o português é uma língua única falada uniformemente, a rigor da gramática normativa, em todo o território nacional. Essa hipótese do monolinguismo não se sustenta ao analisarmos, mesmo que superficialmente, uma comunidade como a dos Gomes. Não há como crer em uma língua única falada por todos os brasileiros, considerando a imensidão do nosso país, a diversidade cultural e social, os movimentos de imigração e muitos outros fatores que interferem diretamente na formação do nosso idioma.

Ao pensar na hipótese do monolinguismo desconstruída por Bagno, podemos fazer um recorte geográfico: a Comunidade do Gomes está inserida no município de Juruáia, localizada proximamente à zona urbana, porém as formas linguísticas do bairro muito pouco têm a ver com as formas usuais da cidade. A ponto de, como dito anteriormente, não haver boa comunicação e interação entre moradores do bairro dos Gomes e de moradores da cidade. Trata-se, portanto, de um trabalho cultural que estabelece marcas de identidade bastante fortes naquela comunidade. Como diz Ferrarezi Jr. (2013),

Na verdade, as expressões idiomáticas... são o resultado de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, que acaba por estabelecer traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade, ou seja, passam a atuar como marcas identitárias.

José Saramago, renomado escritor português, em sua participação no documentário “Língua: vidas em português” afirmou não existir uma Língua Portuguesa, mas sim “línguas em português”. Saramago faz essa referência ao citar as inúmeras ocorrências do português pelo mundo, mas em se tratando de Brasil, fazemos a mesma afirmação: há, sim, uma língua heterogênea e multiforme.

Metodologia

Utilizei, neste trabalho, os métodos tradicionais da pesquisa bibliográfica seletiva e da pesquisa linguística de campo, com coleta informal e com coleta formal de dados

espontâneos e avaliação qualitativa dos resultados (Ferrarezi Jr., 2017, *no prelo*). Para tanto, foram seguidos os passos abaixo:

a. exploração e seleção do material bibliográfico relacionado ao tema;

b. coleta do corpus, que foi viabilizada de duas formas:

1º. através de fontes escritas na região, como jornais e textos de Internet e de fontes orais;

2º. por meio do levantamento de pesquisas e análises em livros cartoriais;

3º. pela observação de interações informais entre pessoas em locais públicos como feiras e mercados, e pela entrevista pessoal com pessoas nascidas na região, preferencialmente, com idade acima de cinquenta anos e conhecedoras do falar tradicional, sem grande influência de níveis elevados de educação formal;

c. seleção e análise qualitativa do material recolhido, tendo-se em vista os objetivos da pesquisa e a teoria adotada em questão.

A pesquisa seguiu os critérios éticos da Resolução nº 510/16/CNS, específica para pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, Sociais e Linguagem e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UNIFAL-MG, sendo aprovada sob Protocolo CAAE nº 64220117.8.0000.5142. Os riscos de execução foram mínimos para os falantes e o trabalho foi monitorado pelo pesquisador de forma a permitir uma correção de atuação ou mesmo sua cessação em caso de constatada alguma forma de constrangimento ao longo das entrevistas e/ou observações de fala.

Amostra de resultados

Os dados contidos no presente trabalho foram coletados a partir de entrevistas e conversas espontâneas. As expressões aqui mencionadas fazem parte do projeto *Construção do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas*³.

³ O *Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas* se propôs a estudar o falar do sul de Minas Gerais que se constituiu na coleta do léxico idiomático (palavras e expressões) que caracterizam o falar das comunidades pesquisadas e na sua análise com base na metodologia da Semântica de Contextos e Cenários – SCC.

Há aproximadamente dois anos, esse trabalho vem acontecendo junto à comunidade dos Gomes. Adultos e idosos participaram das entrevistas ajudando na composição do corpus atual. Porém, temos que ressaltar que, ainda, é difícil colher dados realmente espontâneos, pois, no contato com o pesquisador, os membros da comunidade ainda têm a tendência de usar o falar típico da cidade e esconder parte do falar típico da comunidade.

A seguir, serão apresentadas, a título de amostra, três excertos de conversa em que aparecem expressões linguísticas ocorrentes na comunidade dos Gomes. Tais expressões são resultado de processos de construção cultural, como ocorre na interação entre os membros de qualquer comunidade de falantes. No caso da Comunidade dos Gomes, essas ocorrências estabelecem-se fortemente como marcas identitárias para os falantes que delas fazem uso. Ao final do trabalho, apresentamos um quadro em que mais algumas das expressões usuais da comunidade ocorrem.

Excerto 1 – “Hoje à noite, com certeza, terá geada. Está muito frio aqui.” “Chui! De jeito nenhum, já teve dia muito mais frio que hoje e não teve geada, até parece que você não mora aqui.”

O trecho de conversa representa o uso da expressão idiomática “chui”, tal expressão traz o sentido de dúvida e descrédito na palavra alheia.

Excerto 2 – “Tem que tomar cuidado com os bois senão eles podem tafuiá no mato e depois ninguém mais acha.”

A palavra “tafuiá” corresponde ao sentido dos verbos *esconder* ou *enfiar-se*. Nesse contexto de conversa, o falante se preocupou com o risco de os animais se esconderem no mato.

Excerto 3 – “Esses meninos ficam fazendo coisa errada e depois quando a gente fica bravo, ficam olhando a gente de tilibote.” .

A expressão “tilibote” diz respeito ao semblante carregado, à conhecida “cara-feia”, portanto, dizer que alguém está de tilibote é dizer que está com um semblante bravo ou desgostoso.

Conclusão

O presente trabalho trouxe como proposta a publicação e registro da notícia sociolinguística da Comunidade dos Gomes, em Juruaia, Minas Gerais. O registro das marcas

identitárias, a partir do registros históricos, expressões idiomáticas e formas de organização dos habitantes compõem a pesquisa existente aqui.

“Os Gomes”, carregam em si marcas de identidade ímpares, que os colocam na condição de unidade, não sendo possível encontrar muitas comunidades com tais características em todo o Brasil.

Pretendemos que a pesquisa se aprofunde no nível de mestrado, no próximo ano, pela Universidade Federal de Minas Gerais, no qual estudaremos o nível de diferenciação da linguagem da comunidade de forma mais detalhada e além das questões meramente lexicais.

Referências

BARDY, Edgar Prado; PRADO, José Carlos do. *Memórias Políticas de Juruaia*. Juruaia: Gráfica Nossa Senhora Aparecida, 2006.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico – o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERRAREZI Jr., Celso. “Quando só se para andando”. In: *Práticas Discursivas da Amazônia*. 2013: 02, pp. 13-30.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/juruaia.pdf>: Acessado em 03/03/2017 às 17:45.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

Adendo

Quadro 1: Expressões linguísticas colhidas na Comunidade dos Gomes.

Dado	Contexto	Cenário	Sentido
Escrafunchar	Precisei escrafunchar no meio da bagunça.	Conversa informal sobre um dia em que o informante precisou procurar algo que estava guardado em um local de difícil acesso.	O mesmo procurar, encontrar ou ir em busca de algo.
Galeio	Eu não tenho muito galeio pra isso / Estou com um galeio estranho.	Conversa informal sobre atividades do dia a dia.	Relativo a jeito, não levar jeito pra fazer determinadas coisas ou com um jeito estranho (passando mal).
Impusturia	Quando eu comprei o carro novo, fiquei com medo dos outros acharem que estava com impusturia.	Conversa informal sobre quando o informante adquiriu um carro novo.	Ou mesmo que exhibir-se, mostrar-se melhor que os demais.
Sorvete de microfone	Antigamente aqui a gente tomava muito sorvete de microfone.	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo que sorvete de massa na casquinha, chamado assim devido ao formato.
Sorvete de prancha	O sorvete de prancha era o que mais a gente tomava.	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo sorvete de picolé.
Pão com açúcar na cacunda	Na venda tinha o pão com açúcar na cacunda.	Conversa informal sobre a infância no bairro.	O mesmo que pão ou rosca doce que vem com açúcar por cima, cacunda se refere à parte de cima.
Cambota	A gente aqui fala cambota.	Conversa informal sobre as diferenças nas palavras e expressões de pessoas que moram em outros lugares.	O mesmo que cambalhota.
Tilibote	Por que ele está de tilibote?	Conversa sobre como era a vida antigamente.	O mesmo que estar de cara ruim, de rosto fechado, com expressão facial carregada.
Cuti	O Cuti fugiu no mato.	Conversa sobre animais.	O mesmo que cachorro, cão.
Tafuiá	O boi está tafuiado no mato.	Conversa sobre a criação de gado.	O mesmo que escondido ou enfiado.
Alongar	O boi estava alongando no pasto.	Conversa sobre o gado.	O mesmo que escondido, o boi estava se escondendo no pasto.
Passar de enfiada	Vou passar de enfiada pela cidade.	Conversa sobre viagem feita a outros lugares.	O mesmo que passar direto.
Ir de ripio	O carro veio de ripio.	Conversa sobre viagem feita.	O mesmo que vir na contramão.
Comer de beliscão	A gente comia rosca de beliscão.	Conversa sobre como era a merenda na roça.	O mesmo que comer aos poucos, ou então tirar pedaços do pão ou rosca sem o uso de faca.

Lance/Lancinho	Me deu um lancinho estranho.	Conversa sobre o funeral de alguém muito querido.	O mesmo que jeito, um jeito estranho, ruim ou tristeza.
Casalinho	Aquele casalinho veio aqui em casa ontem.	Conversa sobre algumas visitas recebidas no dia anterior.	O mesmo que casazinho, um jovem casal.
Casador	Aí ela ficou no fundo da igreja rindo dos casador.	Conversa sobre um casamento em que estavam em uma outra cidade.	O mesmo que noivos, aqueles que se casam.
Sabuera	Você tem sabuera pra vender?	Pergunta feita ao atende de uma loja.	O mesmo que tacho para fazer sabão.
Cavucó	Busque o cavucó pra mim.	Conversa sobre os manejos com a terra.	O mesmo que enxadão.
Sapituca	Hoje cedo me deu uma sapituca, por isso demorei a chegar.	Conversa sobre o cotidiano.	O mesmo que passar mal repentinamente, ter algum tipo de crise.
Faiô	Ela faiô perto dos outros.	Conversa sobre algumas pessoas da comunidade.	O mesmo que cometer uma gafe, “dar um fora”.
Muinha de gente	Aqui perto da vendinha juntava uma muinha de gente.	Conversa sobre como era o tempo de juventude.	O mesmo que um aglomerado de pessoas, muita gente reunida.
Boiada erada	No serviço mais pesado a gente usava a boiada erada.	Conversa sobre o trabalho com o carro de boi.	O mesmo que boiada mais velha, domada.
Murundum	Aqui perto de casa era um murundum.	Conversa sobre como era o bairro tempos atrás.	O mesmo que mata, ou como é conhecido na região, espigão.
Banderero	Aquele é banderero.	Conversa sobre outras pessoas.	O mesmo que aquele que comete muitas gafes.
Pão de ameia	Vende esse pão de ameia pra mim.	Conversa sobre as expressões de antigamente.	O mesmo que metade do pão.
Tchungá	Ontem a gente foi tchungá mais cedo.	Conversa sobre o cotidiano.	O mesmo que dormir ou deitar-se.
Urdino	O que ela tava urdino lá.	Conversa sobre uma outra pessoa.	O mesmo que fazendo ou realizando.
Chui	Chui! É cada coisa que esse povo fala.	Conversa sobre o cotidiano.	O mesmo que duvidar de alguém, se assemelha à expressão “Até parece” ou até “Duvido”.